

A longa viagem-conclusão

America e China: dois mitos

VILÉM FLUSSER

O acontecimento, liberto do seu aspecto sensacional, tem caráter simbólico que colorirá todos seus resultados concretos possíveis. O presidente americano na China: pois tanto "America" como "China", além de realidades, são mitos. Com efeito: mitos tão poderosos que mitologizam a própria realidade, mesmo se esta for, como no caso da America, realidade muito bem conhecida. E mitos são fatores potentes.

O mito "America" tem duas faces. A face positiva europeia, a face negativa latino-americana. Para a Europa a "America" representa a tentativa gigantesca de realizar a Utopia, a "boa sociedade". A "America" é o sonho de todo rapaz europeu e tudo que é americano é inconscientemente modelo para todo empreendimento europeu. O "desafio americano". Por mais que tal veneração se mascare sob o véu da "superioridade europeia", continua vigente, inclusive, e especialmente, na União Soviética e nos países socialistas. A explicação é simples: A "America" é para o europeu o Novo Mundo, no qual a Europa pode e deve fazer tudo aquilo que não conseguiu fazer no Velho. A tragédia americana é que ela nunca é comparada com o Velho Mundo, mas com o sonho americano. De forma que se tornam visíveis as partes deturpadas do sonho, e as partes realizadas são minimizadas.

A face latino-americana do mito americano é bem mais complexa. Embora o fato seja raras vezes admitido, a America representa para os latino-americanos um constante lembrete do seu relativo fracasso. É claro: o fato pode ser negado, ou, se afirmado, pode ser explicado. Pode ser negado dizendo que a America Latina realizou valores ignorados pelos americanos. Pode ser explicado dizendo que as condições históricas, geogr-

ficas e outras limitavam (e continuam limitando), os latino-americanos. Mas o fato persiste, e persiste principalmente enquanto mito. O resultado é que tudo americano é vivenciado no clima de animosidade consciente ou inconsciente, (o que obviamente não impede a americanização do latino-americano). No fundo, o problema é este: o americano se assume europeu, (Kennedy irlandês, Agnew grego, Kissinger judeu), e é como europeu que ele é americano. O latino-americano não se assume europeu. Tal recusa, (que tem suas profundas razões indígenas e africanas), transforma o americano para o latino-americano em poder mítico alienante. (A realidade pode perfeitamente confirmar o mito, mas é fator independente do mito).

Nixon carregará na China o peso das duas faces do mito. Representará na China, queira ou não, e queiram os europeus e latino-americanos ou não, positivamente e negativamente o "Ocidente".

Se a "America" é mito, a "China" o é num sentido ainda mais radical do termo. E ela também é mito em dois contextos. É o clássico mito do "Oriente misterioso", e é o mito igualmente antigo, mas atualmente reformulado, do "Novo Homem". O "Oriente misterioso", a lendária Cathay, a Terra das Formigas Cavadoras de Ouro dos nossos Antigos, os "Milhões" de Marco Polo, as "Chinoiseries" do Rococó, até o Tai Dji e o Ch'an Budismo das senhoras burguesas ocidentais, eis algumas formas sob as quais a China influi míticamente no pensamento do Ocidente. Quem não sonhou com joias de jade, com sedas cobertas de ideogramas misteriosos, com a sabedoria imemorial do "I Ging", a magia que revela o destino? Nixon romperá, com os meios de comunicação que o acompanham, alguns véus desse mistério, e não apenas acupunturas.

A outra face do mito chines.

é mais perturbadora. É sonho para uns, pesadelo para outros, e ambos ignoram a realidade que o mito encobre. O mito é este: o homem pode mudar, pode superar a sua condição, pode viver vida feliz e significativa. O mito inspirava muitos dos grandes pensadores, desde Platão até São Paulo, desde Hobbes até Nietzsche. (A America nasceu em parte de uma tal inspiração em Locke). Pois a Revolução Russa encarnava uma versão de tal mito. Falhou obviamente, porque obviamente não resultou em "Novo Homem", apenas em mais uma superpotência com bombas e impostos sobre a renda. Falhou obviamente, mas a dita Velha Esquerda não consegue adaptar-se ao fato. A Nova Esquerda o admite, mas agarra-se à esperança: o que falhou na Rússia, pode realizar-se na China. Eis o mito da China: a velha esperança tantas vezes enganada. Esta a razão por que a juventude ocidental canta, em suas passeatas, o nome de "Mao", sem saber o que tal nome esconde. É esta a força verdadeira da China: não suas bombas, nem suas centenas de milhões, mas o mito do "Novo Homem". E o que é sonho de uns, é, (por razões igualmente boas ou más), pesadelo para outros. Porque para esses querer mudar o homem é querer manipulá-lo, e portanto degradá-lo em sua dignidade. Para eles a China mítica é o inferno, (não do Novo Homem), mas do totalismo uniformizante. Curioso: as duas faces do mito se re-encontram. A China volta a ser para uns a fabulosa Cathay, a Terra de Formigas Cavadoras de Ouro, (ou de outras coisas), para os outros. ... Nixon na China: encontro de mito com mito. Encontro de Utopia com Utopia, de pesadelo de uns com pesadelo de outros. O resultado do encontro ao nível da política superficial não importa tanto. O que seria importante é isto: desmitizar os mitos. Será que o poder mitologizante dos meios de comunicação permitirá que aconteça isto?